



Na Prática: Jornalismo e Juventude¹

Luan Magalhães ANTUNES²
Raphaela Camilla SPOLIDORO³
Paulo Roberto BOTÃO⁴

Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP

RESUMO

O jornal Na Prática é um projeto laboratorial desenvolvido pelos alunos dos 5º e 6º semestre do curso de jornalismo da Universidade Metodista de Piracicaba. Tem como objetivo promover uma edificação ética e crítica dos estudantes em relação a técnicas de reportagem, a partir de atividades práticas, envolvendo pesquisa de campo, textos, fotos e diagramação. Na busca por melhor preparação do estudante de jornalismo para o heterogêneo mercado de trabalho, em 2009, o jornal se segmentou e definiu em suas seis edições o estudante secundarista como público-alvo.

PALAVRAS-CHAVE:

Jornal-laboratório; jornalismo impresso; jornalismo segmentado; juventude; reportagem;

INTRODUÇÃO

O Na Prática, jornal-laboratório desenvolvido por alunos do 3º ano do curso de jornalismo da Universidade Metodista de Piracicaba, sofreu uma importante mudança em 2009. Responsáveis pela edição do veículo durante o ano, os estudantes decidiram junto ao professor, delinarem um público-alvo ao jornal. A idéia era, a partir da segmentação do leitorado, definir um projeto editorial e gráfico com maior identificação entre receptor e veículo. Foi então escolhido, pela sua peculiaridade na sociedade, o estudante secundarista.

¹Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria jornalismo, modalidade Jornal-laboratório impresso.

²Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: luan.antunes@gmail.com.

³Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: raphaela.spolidoro@gmail.com.

⁴Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo, email: prbotao@unimep.br.



Com tiragem de 2000 exemplares, abordando temas ligados à educação, saúde, comportamento, cultura e tecnologia, o Na Prática foi distribuído bimestralmente em escolas públicas e privadas de ensino-médio em Piracicaba e Região.

OBJETIVOS

Objetivos gerais

Familiarizar os estudantes de jornalismo com o processo de produção de reportagens para veículo impresso, tendo em mente um perfil inicial de leitor, desde a criação da pauta, passando por toda a abordagem das fontes, desencadeando na linguagem do texto e na diagramação do produto, respeitando limites e prazos.

Objetivos específicos

Possibilitar um material impresso que transmita informações especialmente produzidas para um público não habituado à leitura de jornais impressos.

Buscar um jornalismo de serviço, mais informativo do que opinativo. Fugindo, entretanto, do minimalismo fortemente existente, nos cadernos dos grandes jornais, voltados ao público em questão.

Apresentar nas páginas temas do universo jovem, com linguagem coloquial e diagramação mais leve e de fácil leitura, sem deixar de afirmar a sua função enquanto jornal, de espaço de debates e apuração dos direitos e deveres do jovem como membro da sociedade.

JUSTIFICATIVAS

A linha de trabalho através da segmentação e da periodicidade definida promove mecanismos pertinentes para que a disciplina laboratório ganhe caráter de extensão. Os alunos de jornalismo, mantendo um público externo a zelar com um veículo, e editorias definidas, trabalham melhor as responsabilidades, a logística e a lógica de um jornal impresso.



Com prazos colocados, é possível trabalhar com maior enfoque, pertinência das pautas, destaques e informação de agenda, por exemplo. Estando público e periodicidade bem dispostos, recai no que destaca Lopes (1989, p.173):

É imprescindível que o jornal-laboratório atenda a três aspectos para atingir seus objetivos, libertando-se do mero exercício escolar: definição do âmbito da cobertura, público definido, e periodicidade. Os laboratórios de generalidades, assuntos absolutamente desenraizados de uma área geo-social, correm o risco de vir a ser muito mais exercícios de crônicas do que reportagens.

Não há dúvidas que o público jovem de hoje será o público adulto de amanhã. E ao se discutir e ensinar jornalismo impresso hoje, não há como fugir da queda de vendas do jornal impresso no cotidiano da sociedade. É preciso trabalhar a linguagem de texto e visual dos veículos, visando o perfil que veio se formando nos últimos anos, do público da internet, da notícia instantânea, mas com critérios e rigorosidade para que o veículo não se adéque ao mesmo formato minimalista. E essa análise para se definir o público jovem é segundo Di Franco (1995, p.69), uma questão de ‘humildade’ e ‘sensibilidade’ por parte da imprensa:

A mídia, preocupada com a incorporação de novas audiências, deveria ter em conta algo elementar: a importância de detectar o universo e as inquietações dessa juventude que está chegando. A conquista desse mercado, contudo, exige um esforço de humildade. Impõe-se a derrubada de inúmeros estereótipos e, sobre tudo, uma delicada sensibilidade para captar o recado da juventude real.

O formato e a linguagem do produto ganham características mais definidas a partir do momento em que se segmenta o público. E o foco único do jornal, Segundo Scalzo (2008, p.49) deve levar em conta o fato de que ‘quem quer cobrir tudo acaba não cobrindo nada e quem quer falar com todo mundo acaba falando com ninguém’. A segmentação requer, instantaneamente, expressão mais próxima do público que se busca. ‘É preciso escrever na língua do leitor’.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Pesquisa de Campo - Foram listadas algumas instituições de ensino para agendamentos de visitas. Em duplas, os alunos visitavam determinada escola, onde pudessem conversar com os alunos sobre variados assuntos. O contato e a coleta dos ‘temas-centrais’ do cotidiano jovem foram levados à sala de aula onde cada dupla expôs a opinião sobre a conversa e o que marcava o discurso do jovem.

Partia-se então para definição da linha editorial. Com ela, foram discutidas as sessões do jornal, e como cada uma trabalharia os temas, sob a ótica de interesse público. Não caberia, por exemplo, simplesmente abordarmos os novos modelos de vídeo-game no mercado, se não partíssemos para a investigação dos males e dos benefícios à saúde que esse possa representar.

Formato e sessões - De visual leve, mas com conteúdo crítico e apurado, O Na Prática passou a abordar fatores sociais que permeiam o dia a dia dos jovens. Fatores vinculados à *educação, comportamento, saúde, tecnologia e cultura*. Surgiam assim os nomes das cinco primeiras sessões do jornal, que na quinta edição, além de uma reformulação gráfica ganhou sua sexta editoria. Era a sessão *Consciência*, que, conforme definido no editorial da edição, levaria ‘assuntos políticos, econômicos e sociais de maneira leve e interessante ao jovem, e fugindo da formalidade que afasta a juventude dessas editorias’. As já existentes ganharam novos títulos: *Ser e Saber*(educação), *Atitude*(comportamento), *Corpo e Mente*(saúde), *Conecte-se*(tecnologia) e *Cenário*(cultura).

Funções - No jornal-laboratório, além do professor, que como **editor responsável**, acompanhava e avaliava todos os processos, os alunos foram divididos em quatro funções: editores assistentes, editor de foto, editores temáticos e repórteres.

Na divisão, cabia ao **repórter** a escolha de editoria que melhor se identificasse e gostaria de trabalhar. Pertencia a ele, portanto, a elaboração do objeto central no planejamento de qualquer edição: a pauta. Com o jovem de personagem principal, a pauta de reportagem para o Na Prática deveria conter elementos básicos como, assunto, gancho, contexto e a linha editorial do jornal.

O **editor temático**, responsável por uma das cinco editorias, mantinha o contato mais próximo aos repórteres. Junto aos outros editores avaliava a viabilidade do conjunto de pautas, dando sugestões de foco, pesquisas antecedentes, e conteúdos a serem incorporados na edição. Com o andamento da reportagem, era responsável pela revisão da matéria, tratando título, linha fina e texto, para que apresentassem uma linguagem mais próxima ao público secundarista.



Os dois **editores assistentes** atuavam desde decisão de destaques e chamadas na capa até a revisão final do jornal. Tinham a meta de deixarem as páginas mais leves e interligadas. Com toda a análise e montagem encaminhada, desenvolviam o artigo de opinião e o editorial da edição. Paralelo aos assistentes, o **editor de foto** analisava o foco e o andamento das reportagens, para sugerir imagens com melhor enquadramento na matéria e posteriormente na página.

DESCRIÇÃO DO PROCESSO

Reuniões e produção - Definido cada grupo de trabalho e editoriais, o primeiro passo era a apresentação da pauta pelos repórteres. Em reunião, ela seria discutida com os editores, e aí sim o repórter desenvolvia seu trabalho de pesquisa e abordagem.

Fontes - Cabe dizer, antes de tudo, que dificilmente seriam fontes para as matérias, os mesmos alunos envolvidos com as escolas das visitas iniciais. O foco era a faixa etária, e não um ou outro grupo de estudantes. Colocada como foco, a opinião dos jovens secundaristas, suas defesas e seus interesses, eram sempre contrastados com a posição de um especialista, seja da área da saúde, da educação, ou dos direitos civis, por exemplo, para enfim, a reportagem ser mais uma análise do fato em foco, do que uma posição parcial.

Texto e revisão - A cada fase concluída, as primeiras versões do texto e fotos que os repórteres produziam eram postadas na plataforma on-line Moodle, disponível no site da universidade. Por mecanismos de alertas enviados aos emails, os editores tomavam ciência do andamento e analisando o material, aplicavam correções e sugestões, depois comentadas nas reuniões. Era, assim, mantido o ciclo de conversas, até o finalizar das matérias.

Fotos e Problemas – Em relação às fotografias havia uma limitação de caráter positivo, aplicada pelo professor. Fotos de terceiros, assessorias ou bancos de imagens não eram aceitas. O aluno tinha a tarefa de produzir até a data de fechamento da edição, foto de própria autoria, que respeitasse todas as orientações dadas durante as reuniões, e complementasse toda a informação contida em seu texto.



Com o andar das matérias, a imposição de fotos, digamos assim, provocava ao repórter duas preocupações positivas para a sua formação técnica e prática: o pensar texto e o pensar imagem, interligados, a todo o momento.

Cabe ressaltar, que o trabalho de foto tinha outro entrave pertinente do ponto de vista ético, jurídico e social, existentes também no texto, mas muito mais manifestado na questão visual. A tese de se trabalhar com um público menor de idade, requeria muito mais discussão e análise no uso de imagem em uma matéria, que, por exemplo, envolveria denúncia de trabalho infantil. Como trabalhar a denúncia e a matéria sem ferir os direitos civis e morais que garantem segurança e privacidade ao adolescente ou à criança? Como não o expor diretamente? Era o verdadeiro preparar prático e ético de um estudante ao mercado do jornalismo.

Finalização - Com as matérias em fase final, os editores partiam para a esquematização e a composição de cada página. Era então outro momento de debate e trabalho coletivo. Como promover uma interligação visual entre todas as matérias da editoria? O que entraria em página ímpar, ou página par? Qual ganharia, pela foto e pelo conteúdo, o direito de estampar a capa, e quais teriam chamadas na mesma? Que tema discutido naquela edição mereceria um artigo de opinião, e qual a análise do editorial daquela edição? O que derrubaria e o que mantinha? Eram então as instigantes decisões das grandes redações no fechamento da edição de um jornal, sendo vivenciadas pelos alunos em aula-laboratório.

CONSIDERAÇÕES

O jornal-laboratório colocou-se ao aluno, como mecanismo prático de aproximação do ensino de reportagem no jornalismo impresso, com a aprendizagem do planejamento de um veículo segmentado. Diante de primordiais vertentes para sua caracterização – como público, conteúdo e periodicidade – todo processo de edição do Na Prática convencionou-se como espaço de debate e aprofundamento crítico dos alunos em relação ao verdadeiro universo das mídias impressas.

Aprender que pauta, antes de qualquer fato mais interessante, deve estar alinhada com o contexto do jornal; Ter consciência de que fontes desejadas nem sempre serão de fáceis



acessos; E perceber que a pesquisa minuciosa e assídua sobre temas considerados ‘pequenos’, pode propiciar bons textos e interessantes recortes, são os primeiros passos para a prática realmente produtiva e interessante nos moldes impressos. E esses passos só podem ser concretizados em um verdadeiro ambiente de redação, onde se planeja o produto com visão de cobertura e objetivos práticos, sempre embasados em preceitos éticos.

A missão que se torna a produção do jornal durante o semestre escolar, ultrapassa na maioria das vezes os limites de horário da aula e pede do aluno atenção extra-sala. Nessa atenção deve se estabelecer metas e prazos desde tempo dedicado à pesquisa, passando pelo agendamento de entrevistas, até o melhor momento de captação de fotos. Esse novo aprendizado, tão importante para a formação da responsabilidade profissional, acaba encontrando barreiras e dificuldades de andamento. Desde a semana demandada por altos números de trabalhos acadêmicos, até fontes que se colocam indisponíveis para entrevistas no tempo predisposto, as dificuldades de produção requerem tempo maior e melhor trabalhado durante toda a edição.

Por tais peculiaridades, todo o preparo de edição do Na Prática se dá respeitando o caráter de aula semanal e paralela às outras obrigações do estudante. O verdadeiro sentido de um trabalho laboratorial é se preservar como espaço acadêmico de aprendizagem, onde a abrangência da produção - base ativa - não ultrapasse os limites da troca de conhecimento entre professor e aluno - base principal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DI FRANCO, Carlos Alberto. **Jornalismo, ética e qualidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo. Contexto, 2004.



SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo. Contexto, 2008.